

Brasil

CONJUNTURA

Economia recupera-se, mas ainda há riscos

Economistas acham que País está encontrando o rumo, embora vejam dificuldades à frente

EUGÉNIO MELLONI

RIO - O mercado financeiro dos países emergentes está se comportando como um paciente com psicose maníaco-depressiva, que começa a entrar na fase de euforia, depois de amargar um forte e longo período de depressão. A comparação foi feita por Uri Dadush, o diretor do Development Prospects Group, do Banco Mundial (Bird).

Ele diagnosticou evidentes indícios de que o Brasil, assim como ocorreu nos demais mercados emergentes afetados pela crise asiática, está encontrando o rumo e retomando a estabilidade.

Mas, para o economista-sênior do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Armando Castelar, essa avaliação é prematura. Na sua avaliação, ainda há riscos de o paciente sofrer uma recaída depressiva.

Castelar teme os efeitos de uma eventual contração do índice Dow Jones - o mesmo que há dois anos vem sendo considerado por observadores como super-valorizado e que, por isso, em algum momento, deverá cair -, nos países emergentes, discordando dos prognósticos do Bird, de que os Estados Unidos teriam uma reação suave a eventuais problemas no mercado acionário, a ponto de evitar consequências mais drásticas às economias dos mercados emergentes.

O Japão tinha uma política fiscal bem-conduzida e não conseguiu recuperar-se, até agora, em meio à crise na Ásia, embora as previsões fossem de que reagiria rápido, avaliam alguns economistas, que nessa análise levam em consideração o fato de que a taxa de poupança norte-americana é negativa.

pectiva de expansão, entre 3,5% e 4%, em 2000.

Reação positiva - "A reação foi muito melhor que a esperada", disse Castelar. "Somos um País de primeiro mundo e não sabíamos." Na análise do

técnico do BNDES, a crise brasileira teve origem em vários fatores.

Um deles é a perda da credibilidade, proporcionada pelo não-cumprimento do "Pacote 51", o conjunto de medidas anunciadas logo após a crise

na Ásia.

Em seguida vem o desajuste fiscal, com o déficit atingindo a 8% do PIB em 1998, um índice, segundo Castelar, alto principalmente se considerar-se que o governo anunciou que iria reduzi-lo.

O fator seguinte seria o déficit na conta corrente acima dos 4% do PIB, "com o agravante de que foi ampliado para financiar o déficit público, e não para investimentos em produção".

Para complementar, há, ain-

da, o crescimento rápido da dívida externa em 1998. "Apesar do contexto de privatização, em que o dinheiro da venda das estatais foi utilizado justamente para combater a dívida externa", afirmou o técnico do BNDES.

Credibilidade - Para os economistas do Banco Mundial, reunidos sexta-feira no seminário *A Economia Mundial e as Crises Externas*, realizado no Rio pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o êxito obtido pelo Brasil na emissão de bônus globais de cinco anos, na quinta-feira, no valor de US\$ 2 bilhões, foi um dos principais sinais de que o País não perdeu a credibilidade ante os investidores internacionais.

Além disso, os especialistas consideram que a relativa estabilidade da taxa da inflação deve reduzir as taxas de "spread" e ampliar a confiança dos investidores internacionais.

Castelar lembra que se frustraram as previsões mais pessimistas, divulgadas nos primeiros instantes da crise cambial de janeiro, que alçavam a inflação para este ano em até 100% e previam que o dólar se valorizaria até patamares superiores à marca de R\$ 3. Hoje as previsões repousam numa taxa inflacionária inferior a dois dígitos (Fipe) e já se fala numa contração da economia bem mais branda, na faixa de negativos 2% (Arminio Fraga no road show para a venda dos bônus). Além disso, a cotação do dólar vem oscilando na faixa abaixo dos R\$ 1,70, o que força o Banco Central a intervir no comprando a moeda para elevar a cotação e evitar que haja uma situação de desvantagem para o ingresso de capitais e balança comercial.

O próprio BNDES trabalha agora com novas perspectivas para diversos índices. O INPC, por exemplo, deverá registrar variação de 11,99% em 1999 e de 6% no ano 2000. Da mesma forma, o IGP atingirá 16,99% em 1998 e 5% no próximo ano.

Além disso, à expectativa de que o PIB deverá sofrer uma retração de 2,5% a 3% neste ano, o BNDES já contrapõe a pers-